

Os Arquivos e a Gestão da Informação: uma reflexão em Ciência de Informação Los Archivos y la Gestión de la Información: una reflexión en la Ciencia de la Información

Maria Manuela Pinto | mmpinto@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Facultad de Letras de la Universidad de Porto

RESUMO

O tópico da 'reinvenção dos Arquivos' relevou o interesse de aqui se abordar sucintamente um percurso em que se cruzam diferentes áreas disciplinares e se buscam respostas para os desafios que a emergência e consolidação da Era da Informação vem colocando, quer no plano científico, quer no plano profissional.

Mais do que reinvenção é hoje exigida, aos profissionais da informação em geral e aos arquivistas em particular, uma efetiva amplitude de olhar e agir sistemicamente sobre o objeto de estudo e trabalho, reconhecendo frontalmente o período de coexistência paradigmática que ainda vivemos para, numa parceria Universidade / Profissão, se desenvolver a dialética teoria / prática essencial para a afirmação de um novo paradigma em Ciência da Informação e, conseqüentemente, para as áreas disciplinares aplicadas que a integram e as áreas de estudo que com elas se desenvolvem.

INTRODUÇÃO

É consensual que os serviços de arquivo, designadamente os arquivos municipais, e os profissionais que neles trabalham têm-se afirmado na sua função transversal e estratégica nas instituições e organizações a que pertencem.

Apesar das situações conjunturais de crise e de rápidas e profundas mudanças, âmbitos como o dos processos de modernização administrativa, do apoio à decisão, da inclusão digital, da promoção do acesso, do direito à informação e à democratização da sociedade, da difusão e da dinamização sociocultural são exemplos do desenvolvimento das suas funções informacional e patrimonial/cultural.

Nas últimas duas décadas tivemos oportunidade de participar e refletir sobre este percurso e abordar a problemática que lhe é indissociável, isto é, a da formação em Informação e Documentação em geral (PINTO, 2008; OLIVEIRA et al., 2011), e dos arquivistas em particular (PINTO, 2005; PINTO, 2009; PINTO e RIBEIRO, 2009), ficando aí patentes as mudanças ocorridas ao nível:

- das novas respostas educacionais e formativas face às necessidades sentidas por força da emergente Sociedade da Informação;
- da efetivação das políticas europeias, nomeadamente nos domínios da construção do Espaço Europeu do Ensino Superior e do "processo de Bolonha", da modernização administrativa, do governo eletrónico e do património cultural e informacional digital;
- dos modelos formativos que decorrem da afirmação da Ciência da Informação (CI) e do emergente paradigma informacional, científico e pós-custodial;
- do carácter uno, trans e interdisciplinar de um campo científico que partilha a informação – objeto de estudo – com o campo da Gestão e com um campo intercientífico como o dos Sistemas de Informação.

Impõe-se, pois, partir desta reflexão e focar os diferentes posicionamentos assumidos perante desafios e oportunidades, situando os Arquivos e os Arquivistas no contexto específico da emergente área da Gestão da Informação.

Neste sentido, começamos por recuperar a intervenção feita em 2009 no Arquivo Municipal de Vila de Gaia. Aí alertávamos para a emergente tendência do subsumir da 'Informação', e da sua gestão (Gestão da Informação e gestor da informação), ao 'Conhecimento', e conseqüente gestão (Gestão do Conhecimento e gestor de conhecimento), com a valorização de processos de gestão e de transformação do "produto da consciência, da mente e da razão humana individual, em inteligência organizacional,

em inteligência competitiva, em cultura organizacional, num espaço cada vez mais distribuído (em rede), cada vez mais de partilha (comunidades) e que corporiza uma ‘inteligência colectiva’ fortemente alicerçada nas Tecnologias de Comunicação e de Informação (TIC)”, e, também crescentemente, nos ditos Sistemas de Gestão do Conhecimento.

À Gestão da Informação e à Gestão do Conhecimento há que associar “novos” domínios, de âmbito geral e específico, nomeadamente o da *Data Science* ou o da “Curadoria Digital” e os inerentes perfis de *data scientist* e o de *data curator*.

PERFIS DE REFERÊNCIA	OUTROS PERFIS (VARIANTES FUNCIONAIS)	
Arquivista	Auditor de Sistemas	Gestor de Conteúdos
Bibliotecário	Arquiteto de Informação	Gestor de Negócios
Documentalista	Cientista da Informação	Gestor de Processos
Gestor de Documentos	Cientista de Dados	Gestor de Projetos
Gestor de Informação	Analista de Negócios	Gestor Comunidades/Redes Sociais
Perito de Informação	Analista Funcional	Gestor de Dados
	Consultor de Sistemas de Informação	Gestor de Qualidade
	Consultor em Suporte Aplicacional	Gestor de Segurança e Dados
	Curador Digital	Gestor de Sistemas de Informação
	Gestor de Conhecimento	Produtor de Conteúdos

Perfis identificados (Fonte: OCIU.Porto)

A estes seguiram-se muitos outros que decorrem de novas necessidades e meios de suporte ao fluxo infocomunicacional, em contextos diversificados, com cada vez menos limitações espaciais e temporais e acolhendo, a par dos perfis tradicionais, os novos licenciados, mestres e doutores que, em contexto universitário e politécnico, vêm sendo preparados para atuar e investigar tendo como foco a informação¹.

UM PERCURSO PARA UM OBJETO DE ESTUDO E TRABALHO “REALMENTE” SISTÉMICO

“Os consensos científicos sobre a natureza e identidade científica da CI são, ainda hoje, problemáticos, uma vez que a sua construção disciplinar não ocorreu simultaneamente e da mesma forma em todos os países e contextos, tornando, portanto, muito variável o seu grau de desenvolvimento e dificultando um entendimento unívoco sobre o próprio campo disciplinar” (RIBEIRO, 2010).

Esta constatação expande-se quer em torno do objeto do campo científico da CI, quer das disciplinas tradicionais e aplicadas que nele se situam - Arquivística, Biblioteconomia e Documentação -, quer das áreas de estudo que a integram, sejam as mais consensuais Organização e Representação da Informação (ORI) e Comportamento Informacional (CInf), sejam as que emergem num contexto interdisciplinar que disputa a informação como objeto de estudo, referimo-nos às áreas de estudos da Produção Informacional (PInf) e da Gestão da Informação (GI), esta vincadamente transversal e aplicada.

Na investigação realizada com o foco na Universidade (PINTO, 2015) tivemos oportunidade de identificar as perspetivas e contributos que se desenvolveram em torno da GI como teoria e prática, conferindo uma particular atenção ao seu aparecimento, ou manifestação, nos diferentes campos científicos e grupos profissionais, fossem tradicionais ou emergentes.

Aí constatámos que a GI surge e desenvolve-se no seio de uma “teia interdisciplinar” que se procurou compreender, em termos de contextos e do conceito basilar de “informação”, na multiplicidade de definições e modelos de GI que estas suportam e que se sistematizaram em quatro vetores principais:

- a GI na área da Informação/Documentação (Biblioteconomia e a *Library and Information Science(s)* ou *Library and Information Studies* (LIS);
- a gestão da ‘Informação’ assumida como ‘recurso e mercadoria’ (Gestão de Recursos Informacionais e Gestão de Sistemas de Informação);
- a GI na sua relação com a Gestão do Conhecimento (GC);
- a ampliação do foco da GI à Gestão de Arquivos e aos *Records Management*.

É sobre o último vetor que aqui incidiremos.

De facto, a literatura reflete uma abrangência que da gestão de documentos em suporte papel e da conceção e desenvolvimento de bases de dados, inclui o armazenamento e recuperação de informação e mesmo a economia da informação, entre o custo da informação e o seu valor no setor económico da informação.

A percepção imediata é de uma diversidade que se projeta numa confusão terminológica e de definição concetual, quer em torno da expressão 'Gestão da Informação', quer quando relacionada com outras áreas (por exemplo face à GC), identificando-se termos que são assumidos como sinónimos, termos relacionados ou facetas da GI, nomeadamente: a Gestão de Recursos Informacionais (GRI), que surge em final dos anos 70 e que é assumida como sinónimo; o Processamento e Administração de Dados; a Gestão de Sistemas de Informação e a Gestão de Tecnologias de Informação; a Informática de Gestão; a Reengenharia de Processos; a Gestão de Bibliotecas; a Gestão de Arquivos e a Gestão de Documentos, quer pela via arquivística, quer pela via tecnológica.

Com o foco conceptual, autores como Black, Muddiman e Plant (2007) fazem remontar a emergência do conceito de GI ao período do pós 1ª Guerra Mundial, associando-a à constituição formal dos *information bureaux* no âmbito da ASLIB (Association of Special Libraries and Information Bureaux), criada no Reino Unido em 1924 como Association of Special Libraries and Information Bureaux.

Por sua vez, Buckland (1997) coloca o aparecimento do termo "gestão da informação" a partir de 1950, expandindo o âmbito teórico e concetual da Documentação, sendo sucessivamente apontados na literatura a utilização do termo composto *information management* associado ao de *information resource(s) management*, ocorrendo a primeira referência à GI no relatório da US Commission on Federal Paperwork (1977) e no âmbito dos *Records Management* (RM), culminando com a sua estreita ligação à gestão das organizações e à tecnologia na década de 80 do século XX, via gestão da 'informação como recurso organizacional' (GRI) e da 'gestão de sistemas de informação' (GSSi).

No campo das Organizações, a GI surge ligada à identificação e potenciação de recursos informacionais, à capacidade de informação, de aprendizagem, de tomada de decisão e de adaptação às mudanças ambientais (GARVIN, 1993). Trata-se de uma GI que, iniciando-se com a 'gestão de documentos' (em papel), abarca progressivamente a 'gestão da tecnologia' (automatização), a 'gestão de recursos de informação', a análise, seleção e organização de informação estratégica, bem como a fase da respetiva gestão, evidenciando os vários modelos diferentes formas de compreender e aplicar o "ciclo da informação" em contexto organizacional.

Tom Wilson dá nota do foco no custo/valor da informação e posicionamentos associados à disseminação dos sistemas computacionais, que acabam por projetar nas Organizações a informação e funções relacionadas, bem como a teorização dirigida à 'Informação' em escolas ligadas às Organizações e às empresas e consequente disseminação e mediatismo em torno de conceitos como o de planeamento estratégico, a análise custo-benefício, a gestão de recursos e o marketing (WILSON, 2002).

No entanto, Wilson é uma referência no estudo da GI pela perspectiva da Documentação/LIS constatando na análise que desenvolve com Macevičiūtė o seu desenvolvimento na década de 90 mas ainda longe da moderna Ciência da Informação, o que não os impede de defenderem a sua consolidação, face à persistência dos problemas sentidos pelas Organizações em torno da informação "[...] in the areas of economics, management, organisational theory, information systems, library and information science served as a basis for further theoretical development in these fields. [...] Information management programmes are found in business and management schools as well as in schools and departments of librarianship and information science" (MACEVIČIŪTĖ e WILSON, 2002).

A propósito da emergência da mais recente GC, Wilson (1992) defende a GI e rejeita "the consultancy fad" da GC e, dez anos, caracteriza-a como um novo termo relacionado com os recursos humanos e a aprendizagem organizacional, não constituindo, na sua perspectiva, uma nova área de estudos (MACEVIČIŪTĖ e WILSON, 2002).

Apesar de Wilson se inspirar nos *Records Management* (RM), os *Archives Management* (AM) não constam deste enunciado mas não deixam de fazer o seu próprio caminho.

Ao nível profissional, a GI envolve gestores, informáticos e profissionais da informação e, se Mintzberg, na perspectiva das Organizações, destaca na função do 'gestor' o facto de ser "an information intensive job" (MINTZBERG, 1980), Wilson, na perspectiva da Informação/ Documentação, salienta a presença e comportamento do [novo] profissional da informação nessas organizações, distinguindo-o do bibliotecário (WILSON, 2002a).

Por sua vez, Jay Atherton aponta o debate que, na década de 80, coloca o arquivista entre o papel de historiador e o de gestor de informação e acaba por situar o *records manager* como o gestor do negócio e o arquivista como historiador, assumindo-os como atores distintos mas com objetivos comuns e agindo em diferentes graus no âmbito da gestão continuada da informação registada, seja "[...] a creating office, an inactive storage area, or an archives" (ATHERTON, 1985/1986:48).

No Canadá, e em plena fase de mudança da "indústria da informação", Bent ilustra, na nossa perspectiva, o movimento de ampliação do foco da GI, entre a influência da Biblioteconomia e da Informação/Documentação, das Organizações/Gestão, dos Sistemas de Informação e da emergência da GC.

Na comunicação que faz na 2ª Conferência da Canadian Association of Information Science (BENT, 1994) reconhece a atenção que incide nos sistemas de informação 'estratégicos', como proposto por Laudon e Laudon (1993) e no uso da tecnologia como ativador dos processos de reengenharia, como em Davenport (1993). No entanto alinha com Lytle (1988), um autor ligado aos Estudos da Informação e aos Estudos Arquivísticos num contexto de dificuldades e com uma posição crítica face ao que considerava ser um 'ambiente de ideias emprestadas' que então se vivia. Estava em causa a valorização da GI na Organização, o papel a desempenhar pela gestão de topo, o papel do gestor de informação e o foco nas pessoas, no papel de indivíduos e membros da Organização, considerando-as os mais importantes recursos de informação, na medida em que são fontes de informação, prestadores de serviços de informação, integram os sistemas de informação, são clientes destes e participantes na cadeia de valor da GI (BENT, 1994).

Apesar de ainda partir de um conceito de 'recursos de informação' que abarca as fontes de informação, os serviços de informação e

os sistemas de informação, bem como de outros da área da Gestão, como o de 'cadeia de valor' ou os 'fatores críticos de sucesso', Bent assume que na Gestão estão incluídas as funções clássicas de planeamento, organização, coordenação, decisão e controlo e que todo o gestor usa informação mas só os gestores de informação são especialistas em gerir os recursos de informação, definindo a GI como uma GRI com vista à concretização dos objetivos da Organização (BENT, 1994).

No seu ponto de vista, o processo de GI envolve a intervenção dos gestores para implementar recursos de informação para fins organizacionais, desenvolvendo-se a GI com a identificação das necessidades da Organização, a identificação e avaliação de recursos de informação e o desenvolvimento e implementação dos recursos necessários para responder às necessidades.

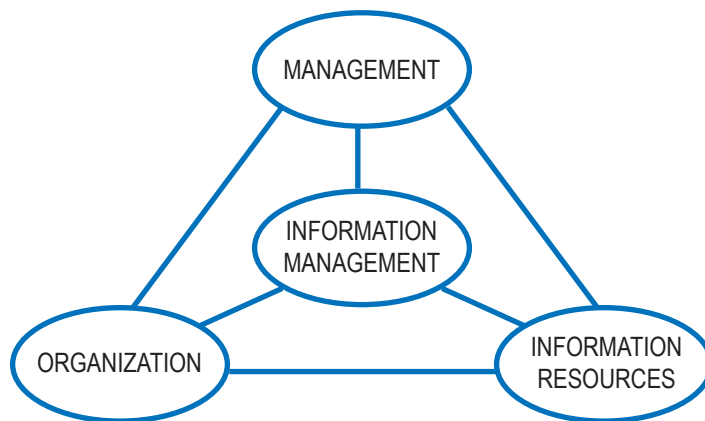


Figura 1 - Visão simplificada do "ambiente" de GI (BENT, 1994:3)

Apresenta, também, um olhar simplificado do 'ambiente de Gestão da Informação' que coloca em torno da GI um trinómio constituído pela Gestão, a Organização e os Recursos de Informação.

Sustentado na análise da Touche Ross Management Consultants (2002), concetualiza as relações entre as diferentes áreas que a GI requer, dado considerar que esta é uma área diversificada e abrangente no âmbito da qual se relacionam a Gestão de Arquivos / *Archives Management* (GA/AM), a Gestão de Documentos / *Records Management* (GD/AM) e as TI, encontrando-se estas no âmbito do campo mais lato dos Ssl.

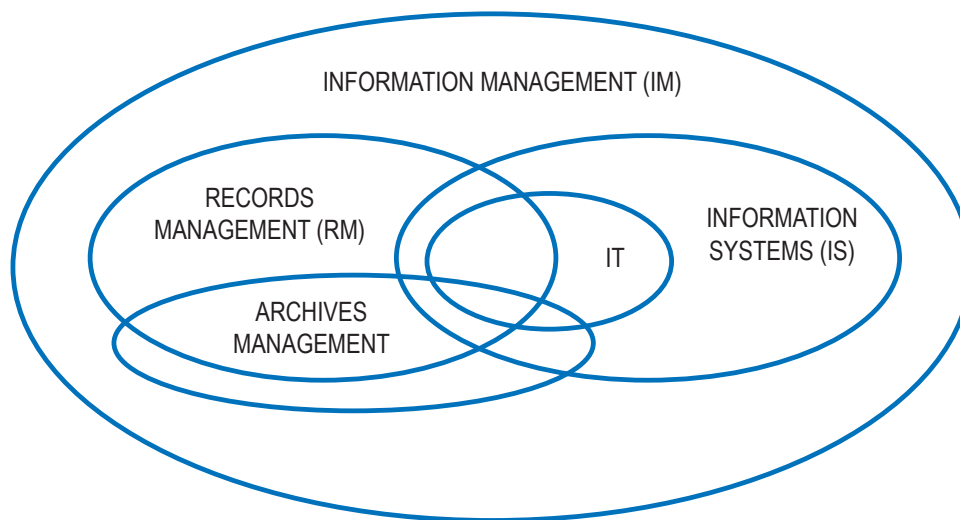


Figura 2 - Relações lógicas entre as áreas envolvidas no "ambiente GI" (ROSS, 1992 apud BENT, 1994:6)²

Nesta representação fica patente a amplitude da GI sendo de relevar em Bent o equacionamento explícito e interrelacionado dos RM e dos AM e a existência de uma pequena área comum a todos. Note-se, todavia, que está aqui ausente a menção à Biblioteconomia Documentação/LIS. Considerando o cruzamento interdisciplinar, é equacionada uma relação que envolve os Ssl, abarcando as TI, os AM, uma área disciplinar 'tradicional' de influência europeia (que se expande aos países francófonos e ibero-americanos), e os RM, uma área mais recente e influente no universo anglo-saxónico (BENT, 1994:2-3).

De facto, a Arquivística encontra-se maioritariamente ausente do equacionamento em GI, mas não lhe é indiferente como demonstra uma breve análise de uma publicação como a *Archivaria* e artigos nela publicados em meados dos anos 80, nomeadamente o

de Hugh Taylor (1984), que aborda a ecologia da informação e os arquivos nos anos 80, e o de Terry Cook (1984-85), que foca a informação e o conhecimento sob um “intelectual paradigm for archives”.

Na mesma publicação o já citado Jay Atherton assinala o debate que, na primeira metade da década de 80, coloca precisamente o arquivista entre o papel de historiador e o de gestor de informação questionando se as preocupações arquivísticas são, meramente, o último passo de um processo abrangente de RM verificando-se que “over the past few years, a fascinating debate concerned with the extent to which an archivist is an historian or an information manager has alternatively annoyed, pleased, and stimulated us through the pages of *Archivaria*” salientando como questão fundamental do debate em curso que “[...] is the extent to which a corporate or government archives is an administrative arm of its sponsor, and the extent to which it is a cultural agency. Or, to put the question another way: is the management of current records simply the first stage in an archival methodology; or is the archival concern, the requirement to ensure the preservation of permanently valuable records, merely the final step in a comprehensive records management process?” (ATHERTON, 1985/1986:43).

No que respeita à caracterização dos perfis envolvidos identifica o *records manager* com o suporte ao negócio, e respetivos objetivos, e o arquivista com o académico, o historiador e a memória: “the archivist serves the needs of the scholar, the historian, and posterity, whereas, the records manager serves the needs of business which is usually profit motivated and which is interested only in information that contributes to or protects that profit or the goals of the organization.” (ATHERTON, 1985/1986).

Refira-se que, já na década de 90, Fernanda Ribeiro assinala a relevância que ganham os problemas relacionados com os Arquivos, nomeadamente a saturação dos arquivos ditos históricos, recetáculos das massas documentais sem interesse para as administrações, o problema da avaliação e das eliminações, o aparecimento de uma estrutura artificial (pré-arquivo ou arquivo intermédio) que, inserida na noção encadeada das ‘três idades dos documentos’, isola os arquivos históricos (ao serviço da História e da Cultura) dos arquivos administrativos (ao serviço das administrações), dividindo o arquivo como estrutura sistémica com uma linha evolutiva única (RIBEIRO, 1998:35).

Tem, pois, particular importância o confronto, no período do pós-guerra, da área dos Arquivos com uma via em desenvolvimento paralelo que abarca a *pré-arquivagem* e os *Records Management*, ambos criadores de ruturas que, para além da que afasta a “informação científica e técnica” (Documentação/LIS) da Biblioteconomia, separam, neste caso, a “informação administrativa” (os *records*), a sua gestão e profissionais, da “informação de arquivo” (os *archives*), conseqüente gestão e profissionais, assinalando correntes que focam ‘a prática e a técnica’ e correntes que procuram ‘a teorização e a cientificidade’, identificando-se dois movimentos fundamentais:

1. o que segue a via da Gestão de Documentos / *Records Management*, desenvolvido nos EUA (SCHELLENBERG, 1956) e que se expande rapidamente, mas que terá variantes como a canadiana (ROBERGE, 1983, 1985; COUTURE e ROUSSEAU, 1982; ROUSSEAU e COUTURE, 1994, 1998; ATHERTON, 1985/1986) e, com maior impacto, a dos *Recordkeeping* e modelo de *Records Continuum* australiano (MACLEAN, nos anos 60, UPWARD, 1996, 1997; MCKEMMISH, 1997; ...)³;
2. e o que segue pela via da mais tradicional Arquivística / *Archives* na tradição europeia da *École des Chartes*, mobilizando diferentes países.

Não cabendo aqui a sua caracterização, é de referir a emergência do conceito de “*life cycle*” que se afirma nas diferentes abordagens e modelos de GI e cria pontes para as área dos AM e dos RM, no âmbito dos quais é, também, um conceito basilar que resulta das tentativas de desenvolvimento de aproximações mais integradas e abrangentes da gestão dos arquivos, situando-se o aparecimento do conceito de “*records life-cycle*” nos EUA, nos anos 30 do século XX com Schellenberg, uma referência nos Arquivos e promotor dos RM, com influência nos EUA e na Austrália no âmbito da mudança em torno dos “arquivos modernos”, dos RM e de operações fundamentais como a avaliação dos documentos, em divergência com a tradição europeia/francesa (SCHELLENBERG, 1956).

Na literatura, o termo *life-cycle* é referenciado como conceito e ‘teoria’ e as etapas que lhe estão associadas como ‘etapas conceptuais’, sendo identificadas como dominantes duas vias: a do *records life-cycle concept* e a do *records continuum model*⁴, assumidas como teorias-modelo em RM mas que, à luz da abordagem de Olga Pombo (2004) que relevamos, se devem considerar como modelos que das áreas tradicionais começam a focar a GI.

Se alguns autores alinham pela opção que considera uma fase ativa/atuál, uma semi-ativa / semi-corrente e uma não-ativa / não corrente (CHARMAN, 1984; HARDCASTLE, 1989; PENN, PENNIX e COULSON, 1994; HARE e MCLEOD, 1997), verificamos que Tom Wilson na sua proposta de modelo de GI (via Informação/Documentação) se vai inspirar no ciclo de sete fases proposto por Elisabeth Goodman, em linha com uma *records life-cycle theory*, visualização concetual e não compartimentação do ciclo de vida em espaços e tempos distintos dos *records*, opondo-se às críticas dos defensores do modelo do *continuum*, no que é seguido por Penn, Pennix e Coulson que salientam o facto de constituir uma estrutura para um efetivo e eficiente RM (PENN, PENNIX e COULSON, 1994:12).

Na sua proposta inicial Goodman identifica os RM como disciplina da GI e relaciona os RM, a GI e, de certa forma, a LIS (GOODMAN, 1994), acabando por, mais recentemente, situar os RM na perspetiva da Gestão e da GC (GOODMAN e RIDDELL, 2014).

No *International Journal of Information Management*, Goodman discute a ‘gestão dos *records*’ no contexto da GI ‘como um todo’ e defende uma abordagem mais ativa dos RM por forma a posicioná-los como uma disciplina da GI. Na sua perspetiva, só assim os RM poderão assumir o seu papel estratégico na Organização e aplicar as competências e qualificações profissionais dos *records managers* na agregação de valor ao desenvolvimento estratégico da Organização, contribuindo para a construção do *Record Keeping System* (RKS) (GOODMAN, 1994). Compreende-se, pois, a aproximação efetuada por Wilson.

Neste contexto, Goodman concebe o seu modelo de ciclo de vida / controlo de documentos com sete etapas (que Wilson considera concetuais): 1) conceção e criação de documentos/registos (*records*); 2) identificação; 3) autorização; 4) verificação, validação e auditoria; 5) circulação, acesso, empréstimo e uso; 6) procedimentos de *backup* e planos de recuperação de desastres; 7) prazos de retenção e destruição.

Dez anos depois, e debruçando-se agora sobre a GC (e a *theory of knowledge management*) no âmbito das empresas e da I&D na indústria farmacêutica (GOODMAN e RIDDELL, 2014), Goodman desloca a atenção da GI para a GC, a 'gestão do conhecimento farmacêutico', o seu valor, gestão e estratégia de GC face à Big Data e com vista ao desenvolvimento da 'Organização aprendente' (em linha com CHOO, 1995), embebendo na sua proposta o desenvolvimento em GC que ocorre na década de 90 e início do século XXI.

No entanto, a autora não deixa cair os RM, acrescentando e destacando a importância quer da *Data Management*, quer dos *Records Management*, para potenciar o acesso, partilha e interpretação dos dados e, assim, criar conhecimento valorizando instrumentos como as especificações para um efetivo *Records Management* na Organização.

Aponta, assim, para a combinação, e consequente gestão, da *internal data and information* e da *external published information*, a construção de vocabulários controlados, a partilha de dados e informação e o trabalho colaborativo (comunidades de prática) entre Organizações.

Para além de facilitar o acesso para criar novo conhecimento envolvendo os dados e a informação registada, visa também as pessoas que produziram esses dados e informação, como potenciadoras da criação de valor à informação por elas produzida "[...] connecting data to the people who originally generated them is what really delivers value. 'Examples of Knowledge Management at its most successful include straightforward ways of accessing other people's work. For example, scanning notebooks so that the compound registry has associated information from the notebooks (including the owner name), so that this combines a formalized information system with creating the conditions for people to connect with each other'" (DAVIES *apud* GOODMAN e RIDDELL, 2014:66-67).

Nesta análise adquire particular importância a evolução que ocorre ao nível dos RM, dos AM e da emergência e configurações desenvolvidas em torno não apenas do "ciclo de vida", mas também do *continuum* australiano, a abordar numa próxima oportunidade, e, cada vez mais, dos fluxos do documento/informação.

Em termos globais, este é um percurso que acaba por refletir a ampliação de funções progressivamente "embebidas" na GI no seio das Instituições/Organizações e que deixa patente, a par da aparente fragilidade da sua delimitação face à GC e à Gestão das Tecnologias/Sistemas de Informação, a indissociabilidade das mesmas o que, na nossa perspetiva, lhe conferirá uma efetiva sustentabilidade como área de estudos transversal e aplicada com o cunho interdisciplinar que resulta do seu enquadramento na CI, mas cuja identidade se deverá caracterizar pelo objeto de estudo e trabalho no terreno: a informação, isto é, o fluxo infocomunicacional.

É com o foco no fluxo infocomunicacional que, à semelhança com o desenvolvido para a Universidade, se deverá modelar o desafio com que hoje se confrontam arquivistas e demais profissionais da informação construindo um modelo de *Gestão do Sistema de Informação Ativa e Permanente para as Autarquias Locais* (MGSIA-AL), com o duplo foco do diagnóstico e da ação, centrando-se esta, não apenas na investigação realizada, mas também na visão prospetiva que, a partir desta, sustenta a formulação de uma proposta base para a operacionalização da GI tendo em conta a complexidade e pluridimensionalidade dos vetores em análise. Daqui deverá partir-se para a abordagem dos processos de GI numa perspetiva sistémica e numa ótica de serviços que a evolução tecnológica permite encarar com uma cada vez maior eficácia e eficiência, seja através de um sistema de gestão *in situ*, isto é, no sistema de produção, seja de um sistema *in app*, isto é, que acumula a função de suporte à produção e à gestão da informação⁵.

CONCLUSÃO

O mundo/ambiente altera-se por força de um desenvolvimento tecnológico e de uma automatização que introduzem, de fora para dentro, uma mudança que nos tradicionais serviços de informação desloca o foco na custódia e no documento para o foco na produção, no acesso e na informação, alterando o fenómeno em estudo, não só na vertente tecnológica mas também na social e comportamental, abalando afirmações disciplinares, tipificações de serviços e configurações de perfis profissionais, isto é, formas de olhar, pensar e agir em torno da informação.

Como ponto de partida, e numa perspetiva CI, releva-se uma definição de Gestão da Informação segundo a qual a GI "consiste no estudo, conceção, implementação e desenvolvimento dos processos e serviços inerentes ao fluxo infocomunicacional, permitindo a construção de modelos de operacionalização de máxima eficiência e rentabilização" (PINTO, 2015:547).

Arquivistas, bibliotecários, documentalistas e museólogos perfilam-se cada vez mais como "gestores" que têm o fluxo infocomunicacional como objeto e denominador comum, juntando-se-lhes os informáticos, por força da indissociabilidade entre as plataformas tecnológicas e o sistema de informação organizacional que estas suportam.

É uma nova amplitude de olhar e agir sistemicamente sobre o objeto de trabalho que hoje lhes é exigido, reconhecendo frontalmente o período de coexistência paradigmática que ainda vivemos para numa parceria Universidade / Profissão se afeiçoar a dialética teoria / prática essencial para a afirmação de um novo paradigma.

NOTAS:

¹ Cf. Observatório de Ciência da Informação U.Porto *Perfil do Profissional de Informação (Estudo 2013)* em <https://paginas.fe.up.pt/~lci/index.php/78/541> (acedido 2 abril de 2016).

² Foi realizado um outro estudo em 1994.

³ No que respeita à primeira via, Fernanda Ribeiro assinala que o “[...] surgimento, em 1941, nos Arquivos Nacionais de Washington, do conceito de ‘record group’ - adaptação americana do “princípio do respeito pelos fundos” muito difundido na Europa - directamente aplicado a documentação ligada à área administrativa (e ainda não considerada “de arquivo”) veio propiciar o aparecimento, também nos Estados Unidos da América, do chamado ‘records management’, entendido como a aplicação de métodos de economia e eficácia na gestão dos documentos, logo na primeira idade destes, ou seja, desde a sua produção e durante a tramitação nos serviços administrativos” (RIBEIRO, 1998:35).

⁴ É referenciada, por exemplo, a abordagem/teoria de Shepherd que incide no “records entity life history”.

⁵ Cf. MoReq2010 (2012).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATHERTON, Jay - From life cycle to continuum. Some thoughts on the records management–archives relationship. *Archivaria*, 21 (1985/1986) 43-51.
- BENT, Dale – An overview of Information Management and Information Managers. CAIS CONFERENCES, 2nd, 1994 – The Information Industry in Transition : Proceedings. [Em linha]. Montreal-Quebec : Canadian Association of Information Science, 1994. [Consult. 31 mar. 2016]. Disponível em [www.<url:http://www.cais-acsi.ca/ojs/index.php/cais/article/viewFile/760/633>](http://www.cais-acsi.ca/ojs/index.php/cais/article/viewFile/760/633).
- BUCKLAND, Michael - What is a “document”? [Em linha]. *Journal of American Society of Information Science*, 9 (1997). [Consult. 18 ago. 2011]. Disponível em [www.<url:http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/whatdoc.html>](http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/whatdoc.html).
- DAVENPORT, Thomas H. – *Process Innovation : Reengineering work through Information Technology*. Boston, MA : Harvard Business School Press, 1993.
- CHARMAN, Derek - *Records surveys and schedules : a RAMP study with guidelines*. Paris: UNESCO, 1984.
- CHOO, Chun Wey - *Information management for the intelligent organization*. Medford, NJ: Information Today, 1995.
- COOK, Terry - From Information to Knowledge : An Intellectual Paradigm for Archives. *Archivaria*, 19 (Winter 1984-85), 28-49.
- COUTURE, Carol; ROUSSEAU, Jean-Yves - *Les archives au XXe siècle : une réponse aux besoins de l’administration et de la recherche*. Montréal : Université de Montréal, 1982.
- EUROPEAN COMMISSION; DLM FORUM - *MoReq2010 : Modular Requirements for Records Systems : Core Services & Plug-in Modules (Version 1.1)*. [Em linha]. 2012. ISBN: 978-92-79-18519-9 ISSN: 1725-1540. [Consult. 31 mar. 2016]. Disponível em [www:url:http://www.moreq.info/](http://www.moreq.info/) e DOI: 10.2792/2045.
- GARVIN, David - Building a learning organization. *Harvard Business Review*. 71:4 (1993).
- GOODMAN, Elisabeth; RIDDELL, John - *Knowledge Management in the Pharmaceutical Industry : Enhancing Research, development and manufacturing performance*. Surrey : Gower Publishing, 2014. ISBN 978-1-4094-5336-9.
- HARDCASTLE, Shelly - Providing storage facilities. In Peter Emmerson (ed.) - *How to manage your records : a guide to effective practice*. Cambridge: ICSA Publishing, 1989.
- HARE, Catharine; MCLEOD, Julie - *Developing a records management programme*. London : Aslib, 1997.
- LYTLE, Richard H. – Information Resource Management : a five-years perspective. *Information Management Review*, 3:3 (1988) 9-16.
- MACEVIČIŪTĒ, Elena; WILSON, T. D - The Development of the Information Management Research Area. *Information Research*. 7 (2002). [Em linha]. [Consult. 31 mar. 2016]. Disponível em [www:<url:http://www.informationr.net/ir/7-3/paper133.html>](http://www.informationr.net/ir/7-3/paper133.html).
- MCKEMMISH, Sue - *Yesterday, Today and Tomorrow : A Continuum of Responsibility*. [This article was first published in Proceedings of the Records Management Association of Australia 14th National Convention, 15-17 Sept 1997, RMAA Perth 1997]. [Em linha]. [Consult. 31 mar. 2016]. Disponível em [www:<url:http://www.infotech.monash.edu.au/research/groups/rmgr/publications/recordscontinuum-smckp2.html>](http://www.infotech.monash.edu.au/research/groups/rmgr/publications/recordscontinuum-smckp2.html)..
- MINTZBERG, Henry - Structure in 5’s : A Synthesis of the Research on Organization Design. *Management Science*, 26:3 (mar, 1980). 322-341.
- OLIVEIRA, Susana et al. - “Information Professionals : University of Porto Case Study”. In INTERNATIONAL SYMPOSIUM BOBCATSSS, 19º, Szombathely, 2011 - *Finding new ways : proceedings*. [CD-ROM]. University of Western Hungary, Oslo University College, 2011.
- PENN, Ira; PENNIX, Gail; COULSON, Jim - *Records management handbook*. Vermont: Gower, 1994.
- PINTO, Maria Manuela - “A formação de arquivistas no quadro da Ciência da Informação : o caso da Universidade do Porto”. In SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS DE TRADIÇÃO IBÉRICA, 4º, Lisboa, 2005. Lisboa : Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, 2005.
- PINTO, Maria Manuela - “A Formação em informação e documentação : Portugal na contemporaneidade”. In *Formación, investigación y mercado laboral en Información y Documentación en España y Portugal*. Ed. José António Frías, Crispulo Travieso. Salamanca : Universidad, 2008. ISBN 84-7481-654-9. p. 91-142.
- PINTO, Maria Manuela – “Do Conhecimento à Gestão do Conhecimento Explícito”. In 1ºs JORNADAS DOS ARQUIVOS MUNICIPAIS DAS CIDADES DO EIXO ATLÂNTICO, Porto - *Identidade, Memória, Património, Conhecimento* (2009-06). Vila Nova de Gaia : Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner.
- PINTO, Maria Manuela Gomes de Azevedo - *A Gestão da Informação nas Universidades Públicas Portuguesas : Reequacionamento e proposta de modelo*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Departamento de Comunicação e Artes da Universidade de Aveiro. 2015. Tese de Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais.
- PINTO, Maria Manuela; RIBEIRO, Fernanda – “LIS Education and Training in Portugal”. *IFLA SET Bulletin*. S.I. ISSN 1450-0647. vol. 10, Issue nº1 (January 2009), p. 6-11.
- RIBEIRO, Fernanda - A Formação dos profissionais da informação em Portugal : percurso evolutivo e perspetivas actuais. In *Potencialidades de Investigação y docência ibero-americanas en Ciencias bibliotecológica y de la información : memoria*. Coord. Salvador Gorbea Portal. México : Universidad Nacional Autónoma de México. Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas. 2010. ISBN 978-607-02-0751-8. p. 279-294.

RIBEIRO, Fernanda - *O acesso à informação nos arquivos*. [Em linha]. Porto : [Universidade do Porto. Faculdade de Letras]. 1998. Tese de Doutoramento. [Consult. 31 mar. 2016]. Disponível em [www:<url: http://hdl.handle.net/10216/7058>](http://hdl.handle.net/10216/7058).

ROBERGE, Michel - *La gestion des documents administratifs*. La Pocatière [Québec]: Documentor, 1983. ISBN:-13: 978-2891231015.

ROUSSEAU, Jean-Yves ; COUTURE Carol - *Les Fondements de la discipline archivistique*. Québec (CA) : Presses de l'Université du Québec, 1994. (Collection Gestion de l'information). ISBN: 2-7605-0781-5.

ROUSSEAU, Jean-Yves ; COUTURE Carol - *Os Fundamentos da Disciplina Arquivística*. Lisboa : Dom Quixote, 1998. ISBN: 972-20-1428-5.

SHELLENBERG, Theodore R. - *Modern Archives : Principles and Techniques*. Chicago: University of Chicago Press, 1956.

SILVA, Armando Malheiro da. - *A Informação : da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto : Edições Afrontamento; CETAC.COM, 2006. ISBN 972-36-0859-3.

TAYLOR, Hugh - Information Ecology and the Archives of the 1980s. *Archivaria*, 18 (Summer 1984), 25-37.

UPWARD, Frank - Structuring the Records Continuum. Part One : Postcustodial principles and properties. [Em linha]. *Archives and Manuscripts*, 24:2 (1996), 268–285. [Consult. 31 mar. 2016]. Disponível em [www:<url:http://www.infotech.monash.edu.au/research/groups/rcrg/publications/recordscontinuum-fupp1.html>](http://www.infotech.monash.edu.au/research/groups/rcrg/publications/recordscontinuum-fupp1.html).

UPWARD, Frank - Structuring the Records Continuum. Part Two : Structuration Theory and Recordkeeping. [Em linha]. *Archives and Manuscripts*, 25 (1) 1997. [Consult. 31 mar. 2016]. Disponível em [www:<url:http://www.infotech.monash.edu.au/research/groups/rcrg/publications/recordscontinuum-fupp2.html>](http://www.infotech.monash.edu.au/research/groups/rcrg/publications/recordscontinuum-fupp2.html).

WILSON, Tom – *Information Management*. 2002 [Em linha]. [Consult. 31 mar. 2016]. Disponível em [www:<url: http://www.informationr.net/tdw/publ/papers/encyclopedia_entry.html>](http://www.informationr.net/tdw/publ/papers/encyclopedia_entry.html) [revised version of the entry 'Information management' in the International Encyclopedia of Information and Library Science, 2nd ed. Edited by John Feather and Paul Sturges. London : Routledge, 2002].

NOTA BIOGRÁFICA

Maria Manuela Pinto, Doutorada em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (Universidade do Porto-Universidade de Aveiro) é Professora Auxiliar do Departamento de Ciências da Comunicação e da Informação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Foi quadro superior de informática em empresas (1985-1996), responsável pelo Arquivo Municipal de Vila do Conde (1998-2004) e docente no Curso de Especialização em Ciências Documentais na Faculdade de Letras Universidade de Coimbra (2000-2005). Investigadora do Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação (CETAC.MEDIA) da FLUP. Tem como áreas de interesse: gestão da informação; preservação da informação; gestão de serviços de informação; gestão da inovação e empreendedorismo.